
Moda e comunicação da identidade trans¹

Arevik Bogossian Porto²
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Resumo

O presente trabalho aborda a moda vestimentar como vetor de comunicação não-verbal subversivo da dinâmica do armário que tradicionalmente circunscreveu identidades diversas a mecanismos duplos de silenciamento e confissão. Na comunidades trans, a aparência do corpo viabiliza a expressão de uma forma de ser que faz do estilo configuração formal para uma nova identificação social, apontando para o caráter contingencial e mutável das identificações de gênero. No entanto, a normatividade cisgênera impõe barreiras à legitimação e reconhecimento dos estilos trans, circunscrevendo-os à aparência passável enquanto promessa de proteção. A autonomia ética-estética da comunidade trans amplia suas formas de expressão na cultura, favorecendo a felicidade, o bem-estar e a dignidade.

Palavra-chave: moda; transgeneridade; estilo; passabilidade;

A comunicação não-verbal é da maior importância para pessoas gays, trans ou *queer*, para quem a dinâmica do armário³ histórica e subjetivamente constituiu a expressão de si no mundo a partir da dimensão do segredo. Ainda que essas identidades sejam distintas entre si, as teorias folkcomunicacionais agrupam-nas igualmente como marginalidades culturais visto que os modos de ser reivindicados por esses sujeitos são ainda hoje considerados nocivos à moral predominante em vigor (Woitowicz; Fernandes, 2017).

Nas comunidades trans que são foco do presente trabalho, destacamos o investimento em comunicar uma identidade possível de ser reconhecida socialmente a partir da moda vestimentar. A expressão da identidade trans nas camadas mais visivelmente aparentes desfaz a dinâmica do armário e explicita – sem usar palavras – uma mensagem que não precisa mais ser confessada em segredo, mas que pode ser abertamente vista e sentida: a mensagem de quem se é.

Constituindo a aparência e a vestimenta as camadas mais exteriores e facilmente modificáveis do corpo – e sendo o campo da moda definido pela efemeridade e mutabilidade – a concepção de identidade da qual lançamos mão é aquela afinada com a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Moda do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Formado em psicologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Mestre pelo programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail: arevikbogossianporto@gmail.com.

³ O armário é uma metáfora para a sexualidade (mais utilizado) ou identidade de gênero reprimida ou não-visível.

noção de estilo. A noção de estilo circunscreve tanto a identidade posta em movimento a partir do seu caráter aparente e contingencial, quanto se aproxima das teorias construcionistas de gênero, segundo as quais a ilusão de uma fixidez imutável do gênero é construída por atos performativos repetidos ao longo do tempo. A implicação da identidade reconhecida enquanto estilo aponta para o caráter contingencial de expressão dessa identidade, que se dá a partir de formas de identificação (Cidreira, 2005; Butler, 2018).

Na medida em que o sujeito trans modifica sua aparência para se comunicar segundo uma nova identificação social, suas possibilidades de expressão através da vestimenta são reguladas segundo estruturas normativas. Estando a identificação transgênera em desacordo com a norma cisgênera, a comunicação do sujeito trans de sua identidade através da indumentária implica em conflitos e barreiras enfrentadas cotidianamente no meio social, tais como dificuldades de acesso aos banheiros ou de respeito ao uso dos pronomes e pronome com os quais o sujeito se identifica.

Sendo a aparência corporal trans vista por uma ótica cis como sinal de fraude, incongruência, engano ou degeneração, a passabilidade – entendida como a possibilidade de o sujeito ser reconhecido socialmente como integrante do gênero com o qual se identifica – se constitui como eixo balizador da experiência social do sujeito trans. Nesse sentido, a composição de uma aparência imitativa da moda cisgênera implica para o sujeito em um estatuto moral de legitimidade e de boa fé, oriundo de sua percepção como integrante do grupo “normal”. Sendo no ocidente a aparência do corpo – sobretudo uma aparência sexuada – fator constitutivo da organização e hierarquização social, a passabilidade promete ao sujeito justamente isso: “passar”, sem ter a execução de suas atividades rotineiras ameaçada (Garfinkel, 1967).

A relação entre elementos visíveis e invisíveis que conforma as peças da moda vestimentar conforma também as existências trans, tensionadas entre a imitação de uma norma e a afirmação radical de sua diferença (Simmel, 2008). Sendo a moda um estatuto de legitimação coletiva através da aparência e da imagem do corpo, os estilos trans enquanto expressões da cultura sofrem influências dessa cultura ao mesmo tempo em que a transformam enquanto agentes. Atravessada pela dimensão da passabilidade, o estilo pode se expressar como autonomia ética-estética possível de ser traduzida em saúde, bem-estar, dignidade e felicidade.

Referências

BUTLER, J. P. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de leituras**, n. 78, p.3-16, Jun. 2018. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf.

CIDREIRA, R. P. **Os sentidos da moda**: vestuário, comunicação e cultura. São Paulo: Annablume, 2005.

GARFINKEL, H. Passing and the managed achievement of sex status in an intersexed person, part 1. In: **Studies in ethnomethodology**. Los Angeles, Universidade da Califórnia, 1967, pp.116-185.

SIMMEL, G. **Filosofia da Moda**. Lisboa: Edições texto & grafia, 2008.

WOITOWICZ, K. J.; FERNANDES, G. M. Folkcomunicação e estudos de gênero: práticas de comunicação nos grupos homossexuais. **Chasqui, Revista Latinoamericana de Comunicación**. Quito, n. 135, pp. 233-252, 2017.